

ESPERA E ESPELHO: UM ENSAIO TRIVIAL

WAITING AND MIRROR: A TRIVIAL ESSAY

Manuel Curado¹
Para Flávio Kothe

RESUMO

O problema da determinação da ação humana ocupou a filosofia durante séculos. O presente ensaio procura contribuir para esse debate através da proposta de duas teses filosóficas. A primeira tese defende que toda a ação humana se organiza numa estrutura de espera de algo que determine a consciência. Toda a iniciativa e todo o ato voluntário dependem de algo que surge no fluxo de consciência. Neste sentido, o sujeito parece ser visitado do exterior por algo que irá iniciar o comportamento. Em defesa desta tese apresentam-se relatos fenomenológicos do processo de decisão, registos históricos de eventos mentais como visitas, representações literárias e teorias filosóficas do tempo. Em particular, mostra-se que as teorias sobre a dimensão corpuscular ou granular do tempo e do fluxo da consciência são especialmente relevantes para a explicação da capacidade de atuação dos seres humanos. Em complemento, propõe-se um inventário dos grandes temas que organizam a ação. Trabalham-se conteúdos culturais ligados às universidades, à internet e à literatura. Defende-se uma segunda tese filosófica segundo a qual os seres humanos só se interessam maioritariamente por si mesmos. O ensaio termina com a defesa da ideia de que a filosofia, a ciência e a religião não têm meios racionais para explicar a atuação humana, restando apenas a abordagem sapiencial. As várias linhas de pensamento deste ensaio são unificadas pela ideia de que a trivialidade da vida humana esconde problemas intelectuais dignos de investigação.

Palavras-chave: determinação do comportamento; autodeterminação; Bestimmung; Selbstbestimmung; sobretons psíquicos; teoria granular da consciência; fenomenologia da ação.

ABSTRACT

The problem of the determination of human action has occupied philosophy for centuries. This essay seeks to contribute to this debate by proposing two philosophical theses. The first one holds that all human action is organized on a structure of waiting for something that determines consciousness. Every initiative and every voluntary act dependent on something that appears in the stream of consciousness. In this sense, the subject seems to be visited by something from the outside that will start his or her behavior. In support of this thesis are presented phenomenological reports of the decision process, historical records of mental events as visitations, literary representations and philosophical theories of time. In particular, it is shown that the theories of the corpuscular or granular dimension of time and of the flow of consciousness are particularly relevant to the explanation of the agency capacity of human beings. In addition, it is proposed an inventory of the major themes that organize human action. The essay focuses on cultural contents linked to universities, the internet and the world literature. Moreover, one advocates a second philosophical thesis according to which humans are only interested in themselves. The essay ends with the defense of the idea that philosophy, science and religion have no rational means to explain human agency, proposing as an alternative the sapiential approach on this subject. The various lines of thought of this essay are unified by the idea that the triviality of human life hides intellectual problems worthy of investigation.

Keywords: determination of behavior; self-determination; Bestimmung; Selbstbestimmung; psychic overtones; granular theory of consciousness; phenomenology of action.

Passeava um destes dias pela marginal da minha cidade. Encontrei o meu padrinho Isolino. Já muito velhinho, bisavô de três ou quatro bisnetos, dava o seu passeio diário ao final da tarde. Quando se esgotaram as cortesias habituais que as pessoas trocam umas com as outras, ele agarrou de repente os meus braços, como se quisesse colocar todo o seu espírito nas palavras que ia dizer, e deixou cair isto: “Estou à espera!” Não sei o que me passou pela cabeça. Quando me cruzei com o meu velho padrinho não esperava nada de profundo dele; em encontros anteriores ficámos por amabilidades sociais.

Contudo, desta vez, as palavras dele causaram-me um calafrio nessa tarde quente do final do verão. Poderia ter perguntado, obviamente, “De que é que o meu padrinho está à espera?”, mas algo em mim não deixou sair a pergunta tonta. Compreendi de imediato de que é que ele estava à espera. Como se um raio me atingisse, percebi que não devia perguntar mais nada. Apenas aguentar o silêncio.

¹Professor Doutor de Filosofia na Universidade do Minho – Portugal. Doutorado em Filosofia pela Universidade de Salamanca.

Cheguei a pensar, certamente, que o meu padrinho estaria um pouco envergonhado. Ainda uns dias antes o tinha encontrado a dar o mesmíssimo passeio ao final da tarde. Será que ele estaria envergonhado por ter sido apanhado a fazer a mesma coisa todos os dias? Afinal, se o tivesse encontrado nos anos em que o via a conduzir esforçadamente um camião, ele não me diria “Estou à espera!” Agora, talvez para se desculpar por ter sido encontrado a passear, e tentando explicar que já nada o move senão o seu passeio do final da tarde, disse-me que está à espera. Não sorriu. Não disse amabilidades sociais. Olhou para mim, agarrou-me os braços, e disse que está à espera.

De que é que o padrinho Isolino está à espera que o impede de dizer de que é que está à espera? Sei que há sempre uma palavra nervosa a saltar dos nossos lábios. Queremos diminuir a tensão, acabar com o embaraço da pergunta irritante, dizendo “É a morte que está à nossa espera!” Ficaríamos aliviados, e aceitaríamos resignados a lição dura do inevitável. Infelizmente, não se consegue aceitar facilmente essa resignação sábia. É certo que esperamos a palavra começada pela letra *m*, mas, quanto mais se pensa nisso, mais se repara que as palavras do padrinho Isolino descrevem toda a sua vida, e não apenas o ponto final. Toda a vida, sem exceção, ele tem estado à espera. Cada um de nós tem estado à espera também. Reparemos como. É trivial a espera de grandes blocos de tempo ou de grandes eventos. A criança é educada a antecipar a vida que a espera; não há menino no mundo que não seja confrontado com a pergunta sobre o que quer ser quando for grande. O adulto prepara os anos de reforma; a indústria seguradora comercializa possibilidades de períodos de vida diminuída por acidentes ou pelo desemprego. Esta perspetiva de baixo nível de resolução ou discriminação de pormenores é comum a outras áreas da vida. A criatividade literária é, desde os Gregos, um assunto visto como um bloco de tempo privilegiado que tem de se assegurar de alguma forma. O aedo, diferentemente do rapsodo, tem de conseguir a experiência de um tempo enriquecido com um extra de criatividade. A vocação religiosa é um outro exemplo possível. A pessoa que sente o chamamento para a vida consagrada prepara-se, voluntariamente ou não, para uma alteração da sua relação com o tempo. Os grandes relatos de experiências visionárias antigas compartilham com a indústria seguradora o traço comum de blocos de tempo com experiências alternativas. O poema filosófico que deu início à metafísica ocidental, de Parménides de Eleia, descreve a viagem de um jovem, acompanhado pelas Filhas do Sol, ao encontro da Deusa. O conteúdo do poema é neste momento irrelevante. A sua forma temporal é o aspeto que tem sido menos apreciado. Poder-se-ia perguntar: é muito

interessante que a experiência do Jovem de Parménides tenha acontecido ou que possa acontecer a outras pessoas; contudo, aconteceu precisamente *quando* a esse Jovem com traços do Everyman da literatura medieval europeia? As respostas erradas são as mais interessantes: quando se preparava para tomar o pequeno-almoço, foi raptado pelas Filhas do Sol; quando se lamentava por não ter dinheiro suficiente para pagar as suas dívidas, foi levado por um carro alado; quando o seu pai lhe ensinava a arte de navegar no Mediterrâneo, deparou-se com a Deusa. O erro destas respostas permite ver que a experiência visionária descrita por Parménides é um grande bloco de tempo que não se confunde com nada mais que alguém possa fazer na sua vida. Há relatos em todas as culturas humanas sobre este tipo de experiências. Os conteúdos das mesmas têm sido debatidos por intelectuais e por religiosos durante séculos. O que parece ter escapado ao seu escrutínio é subtil. Todas as pessoas esperam grandes blocos de tempo com eventos de que sentem necessidade. Se se tentar descrever a uma criança o bloco de tempo da vida adulta que a espera, ela sentirá provavelmente que está a ouvir notícias de uma terra estranha de que não compreende o idioma. Se fosse possível comunicar com um nascituro ainda no ventre da sua mãe, toda a vida humana fora do ventre parecerá mais fantástica do que os conteúdos da viagem de Er ao mundo dos mortos, no livro X da *República de Platão*. Se um ser humano adulto fosse confrontado com a possibilidade de voltar a ter experiências amnióticas no ventre da sua mãe, seria confrontado imediatamente com sensações de estranheza mais intensas do que qualquer relato místico da tradição ocidental; e, no entanto, ele próprio já passou por isso, e ninguém tem dificuldades intelectuais se reconhecer que já esteve no ventre de uma mulher. Os filmes *Matrix*, dos irmãos, ou das irmãs, Wachowski, representam um mundo com traços amnióticos que causa repugnância ao herói do filme, o personagem Neo.

O que tem escapado à análise é a granulação do tempo. Estamos preparados para aceitar facilmente grandes blocos de experiências. Com isto, aceitamos também algumas verdades fundamentais: aceitamos que as experiências mais importantes da nossa vida são coisa que nos acontece independentemente da nossa vontade e das nossas capacidades, como se viessem de fora; aceitamos que alguns desses blocos são previsíveis, como os ligados ao ciclo da vida humana, e que outros são imprevisíveis, como os ligados à criatividade literária, à descoberta da única pessoa que poderemos amar sinceramente na vida, a experiências de ensino em que as palavras de um mestre ecoam na nossa mente ao longo dos anos, e até a encontros com seres sobrenaturais em busca de poderes mágicos; aceitamos

facilmente que nada do que objetivamente fazemos se pode comparar a qualquer dessas experiências (ir ao centro comercial com cartão de crédito ilimitado não tem valor quando comparado com o encontro que alguém terá com a sua própria morte; ser presidente de um país não vale nada quando colocado ao lado da possibilidade de falar com os seus próprios antepassados ou conhecer a data da sua morte, como se conta a propósito do culto Bwiti do Gabão e do uso da planta iboga; Dona Luísa de Gusmão, a primeira rainha da quarta dinastia portuguesa, compreendeu muito bem o que está em causa, na frase que lhe é atribuída, quando terá dito que é melhor ser rainha por um dia do que duquesa toda a vida). Estes grandes blocos são a matriz fundamental da experiência histórica do tempo, e espelham-se nas categorias com que tentamos dar sentido à infinidade de acontecimentos: eras, civilizações, fundação de países, séculos de ouro, etc. Deste ponto de vista de baixo nível de resolução, uma vida humana individual tem uma estrutura com ciclos temporais semelhantes aos das civilizações históricas, como muitos observadores perspicazes já repararam (Spengler, Toynbee, etc.). As pessoas, como as civilizações, nascem, crescem, e depois enfraquecem e deixam de apanhar sol. É provável que haja estrangulamentos computacionais comuns a pessoas, a espécies biológicas a civilizações e a muitas outras realidades.

Aumentando, contudo, o nível de resolução é possível ver que qualquer sequência temporal, por muito trivial que seja, tem uma estrutura semelhante. Em certo sentido, a experiência humana do tempo assemelha-se ao quadro de 1884 de Georges Seurat, *Un dimanche après-midi à l'île de la Grande Jatte*. As grandes figuras do quadro (pessoas felizes a usufruir um domingo à tarde soalheiro, a relva, o rio Sena, alguns barcos, vários animais de estimação) dificultam a visão do grão fino de que é composta a pintura. O pontilhismo de Seurat pode ser explicado, enriquecendo a percepção que se tem dessa obra de arte. A dificuldade reside em reparar que cada pequeno período da vida humana tem um grão semelhante. O pontilhismo da experiência humana do tempo foi várias vezes equacionado. William James, de modo célebre nos seus *Principles of Psychology*, de 1890, avançou a teoria dos “psychic overtones” para explicar a sensação de continuidade do fluxo da consciência, a sensação de que não há quebras nesse fluxo, de que não há grão, a sensação de cinema. Claro que a experiência quotidiana do tempo tem diferentes graus e conteúdos: sentimos, por exemplo, que os primeiros minutos da manhã não acontecem com a mesma intensidade que as experiências que temos ao final da tarde; reparamos também que os conteúdos fenoménicos são diferentes, porque tomar banho numa piscina é diferente de estar

a ler um texto difícil de Kant. James tentou mostrar que há sobreposições desses conteúdos fenoménicos que contribuem para que o *stream* da consciência pareça não ter quebras. O ponto de vista da consciência não é, contudo, decisivo. Por razões culturais e filosóficas, toda a vida humana é habitualmente simplificada pela estratégia monótona de se tomar uma peça do puzzle humano como representante da totalidade que sempre escapa: a alma, a inteligência, a razão, a emoção, ou qualquer outra coisa. James reparou na estrutura temporal da consciência, tal como antes dele já tinha feito Thomas Reid e depois dele fará a Fenomenologia, mas, é claro, não estudou a estrutura temporal do inconsciente, nem das emoções, nem da memória, nem dos ossos, nem do sangue, nem do que mais haverá que sempre escapa à análise. Os sobretons psíquicos de James são a versão microscópica das figuras do quadro de Seurat. James começou a explorar a dimensão pontilhistas de como uma parte relevante dos seres humanos, a consciência, se relaciona com o tempo. Esta linha de inquérito deverá ser continuada para além da perspetiva da consciência vígil.

O que se está a afirmar é simples. O padrinho Isolino sente que um bloco da sua vida está para acontecer. Como é inteligente, sabe que está no final do tempo que é razoável considerar que um ser humano tem para viver. Tudo se resume a isto. O que escapa ao padrinho Isolino, tal como escapou a James, e tal como escapou a Jaspers quando refletiu sobre o que chamou período axial da História, é a intuição de que o mais banal dos segundos que viveu lhe aconteceu exatamente da mesma forma que o evento mais momentoso da sua vida. Não tem sentido hierarquizar numa escala de importância os eventos de uma vida humana: o dia em que o papá achou imensa graça à mamã e a convidou para um *drink*, o minuto feliz em que o papá e a mamã se uniram, o nascimento, o primeiro salário, a cura de uma doença especialmente grave, e, é claro, os dias que esperam pela palavra começada pela letra *m*. A granulação da vida humana equaliza todos os momentos. Tudo tem grão, tudo tem um oceano de pequenos pontos. A angústia do padrinho Isolino a respeito do minuto que sente que está a caminho para deitar abaixo o castelo de minutos a que ele chama “a vida que eu tive” poderia ser sentida por qualquer pessoa a respeito do minuto que viverá a seguir. O conteúdo desse minuto ultrapassa a capacidade humana. O que irá ser está para além do poder humano. A ideia que virá, a emoção que se sentirá, a decisão que se tomará são aspetos pálidos de um assunto maior. Ninguém tem capacidade de verificar, por exemplo, os processos de divisão celular que acontecerão no seu organismo no minuto a seguir. Sentimo-nos acontecer ao leme do barco da vida, e alegramo-nos pelas nossas

vastas capacidades de antecipação de males, elogiando os dons de prudência dos mais sábios. Escapa-nos quase completamente o espetáculo da impotência na determinação do que irá acontecer no instante a seguir. Distraidamente, pensamos que, como nos conseguimos colocar a maior parte das vezes em situações em que fazemos durante um minuto o que antecipámos fazer nesse minuto, somos soberanos na determinação do que irá acontecer. Declaramos secretamente a nós próprios que, no próximo minuto, continuaremos sentados no sofá em que estamos. Como generais num campo de batalha, sentimos que podemos decidir grandes deslocamentos de contingentes militares. Não reparamos, contudo, que a decisão de continuarmos sentados também nos aconteceu, tal como a decisão de nos levantarmos do sofá depois de passar um minuto. O conteúdo mental que apareceu no fluxo da nossa consciência (por exemplo, decido continuar sentado no sofá) não depende realmente de nós. Se, durante o minuto em que estamos sentados, nos recordarmos de uma música ou de uma tarefa que nos espera, também nada poderemos fazer para evitar esses eventos mentais. Parece-nos um ato de vontade soberana a decisão de continuar sentados no sofá, quando, de facto, é um espetáculo de impotência. A decisão de continuar sentado no sofá é o que está a acontecer, tal como a recordação que temos de uma música é o que nos pode acontecer.

Somos todos, a este respeito, o padrinho Isolino. Um momento grande da vida (doença, ataque cardíaco, morte) causa angústia, mas o minuto que viverá a seguir, de tão trivial, não causa nada em particular. Não há mistério no trivial. As pessoas sentem que vivem “normalmente”. Não reparam no grão da vida humana; não reparam que nenhum minuto é fundamentalmente melhor do que outro. Pensadores como Herbert Marcuse, no seu *O Homem Unidimensional*, Roland Barthes, nas suas *Mitologias*, ou Flávio Kothe, no seu ensaio *A Narrativa Trivial*, puderam estudar a riqueza que se esconde na trivialidade do discurso político, das publicações periódicas, da banda desenhada ou do cinema. O seu trabalho foi indubitavelmente meritório. Contudo, irmana-os ao *everyman* padrinho Isolino a nostalgia do grande momento histórico, da grande ação política ou da grande cultura. Uma publicação periódica medíocre é obviamente menos digna de estima e de estudo que *À Procura do Tempo Perdido*, de Proust. O padrinho sente que os mil passeios que deu pela marginal nos últimos anos não são nada em comparação com o segundo em que olhará de frente o que já lhe está a embargar a voz. Dona Luísa de Gusmão fez um cálculo felicítico, ao modo de Bentham, muito semelhante: poderia viver um milhão de vidas como duquesa, mas isso nada seria em comparação com o minuto em que fosse coroada rainha. Como se a vida humana fosse um

arquipélago de ilhas, só reparamos nas zonas acima da linha da água em que podemos viver nas grandes montanhas submarinas. O resto das montanhas não é relevante para nós. Esta é uma estrutura recorrente. Mesmo as vidas que levamos acima da linha de água são caracterizadas por outras perceções de outros grandes assuntos, de outras grandes montanhas. Recordamos o primeiro amor ou o primeiro salário, mas não recordamos o minuto 280 das nossas vidas, nem o que sentimos há três anos atrás. A memória é, a este respeito, uma desgraça; o baixo nível de discriminação de pormenores que a caracteriza impede que consigamos autonomizar o grão do tempo. Só como ficção literária, ao modo de *Funes, o Memorioso*, de Borges, é que conseguimos enfrentar uma antevisão de memória perfeita das experiências da consciência. Nem mesmo com os meios generosos da imaginação literária conseguimos representar o que poderá ser a memória perfeita de todas as instâncias do ser humano, incluindo as suas células e os átomos de que é composto. As avaliações que fazemos (do tipo esta obra de arte é melhor do que aquela, a morte é pior do que estar a beber uma cerveja com os amigos) revelam uma perceção do tempo organizada em grandes blocos. Como a natureza não nos preparou para a intuição de regimes temporais diferentes, o tempo subatómico não pode entrar no campo da consciência, tal como o tempo astrofísico. Ninguém tem intuições temporais de femtossegundos nem das duas centenas e meia de milhões de anos que leva uma translação do Sistema Solar em torno da Via Láctea. Mais uma vez, reparámos no assunto. Os etólogos investigaram a estrutura percetiva dos leões africanos, a sua faixa da savana, onde estão os únicos objetos que têm interesse para os próprios leões, como comida, parceiros sexuais ou adversários. No âmbito do debate epistemológico, corre há anos uma reflexão sobre o estatuto das ciências especiais, isto é, das ciências que se ocupam de eventos, de objetos e de propriedades superiores ao nível atómico da matéria. Lucrécio, no seu *De rerum natura*, afirmou com ênfase que o mundo não tem terceiras naturezas: tem átomos e vazio, e nada mais (I.445-448). É claro, o mundo parece ter música de Luigi Boccherini e de Heitor Villa-Lobos, tal como parece ter pessoas que se apaixonam, e cérebros com neurónios, e filmes de Hollywood, e sabor a carne de um rodízio brasileiro. Num mundo em que não há terceiras naturezas, a música, o amor, os cérebros, os neurónios, os filmes e os sabores não existem, tal como não existem as ciências que estudam esses objetos. Estas ciências, denominadas pelos filósofos de especiais, investigam assuntos que, de facto, desde Leucipo, Demócrito e Lucrécio, sabemos que não existem. Como o meu padrinho Isolino, que não repara que todos os segundos de vida são

fundamentalmente iguais; ou como o senhor Palomar, de Ítalo Calvino, que repara num seio bonito de mulher a apanhar sol na praia mas não repara nos incontáveis grãosinhos de areia onde tem os pés; ou como o assassino do sinólogo Stephen Albert do conto *O Jardim dos Caminhos que se Bifurcam*, de Borges, que repara no modo de transmitir uma mensagem secreta, mas não repara no tecido de possibilidades de que é feito o tempo; assim também nós reparamos nos grandes móveis, elefantes ou montanhas da nossa vida, acrescentamos juízos de valor a respeito de uns e de outros, e cultivamos a nostalgia por uma grandeza que está sempre fora do nosso alcance. Temos ciências filosóficas como a estética dedicadas a apartar esforçadamente o trivial do que arrebatava o olhar. Com monotonia insuportável, contudo, os Grandes de Espanha e os miseráveis da terra compartilham uma vida que lhes acontece. Não é conhecer uma mulher bonita, ou um acidente de viação, ou um curso universitário, ou a morte o que de facto lhes acontece. Essas são apenas as grandes montanhas que conseguimos ver. O que lhes acontece é a totalidade da vida, em que nada depende do filme mental que o homem do leme tem a correr na sua cabeça. Virar para bombordo, virar para estibordo ou fazer explodir o navio é exatamente a mesma coisa. E o que é essa mesma coisa? A estrutura não tem nome; o melhor que se consegue é pintar em pinceladas largas o sinal que aponta para o subterrâneo vasto do que acontece à superfície da terra. Melhor talvez seja impossível à razão humana. Num resumo rápido, parece que está ao nosso alcance pelo menos isto: a vida humana é caracterizada pela espera do que nós próprios pensaremos e sentiremos a respeito de alguma coisa. Neste nível da realidade, neste grau zero da estética, o conteúdo noético, fenoménico, emocional, intencional ou de outra natureza é irrelevante. Esperamo-nos a nós próprios, e não temos a certeza de que seja uma parte de nós que está ao leme da nossa barca. Porquê? Porque tudo nos acontece. Tudo esperamos, e, sobretudo, esperamos por nós mesmos.

Por vezes, a espera dói. Cada pessoa conseguirá certamente identificar os sentimentos de véspera que anunciam uma nova situação. É fácil dar exemplos de pequenas torturas vespertinas causadas pelas muitas vésperas das vidas humanas: o dia em que a criança já não quer brincar com os brinquedos que encheram os seus dias; o minuto anterior em que o adolescente quer proclamar o seu amor pela menina que lhe enche o olhar; os dias atormentados em que os cônjuges ponderam um divórcio; o segundo em que o magistrado decide a sentença; os metros finais do condenado à morte; mil e um exemplos poderiam ser dados das vésperas do que nos irá acontecer a seguir. Da angústia de Ulisses e dos seus companheiros na caverna do Ciclope, passando

pelas Vésperas Sicilianas da Europa medieval, até à *Angústia do Guarda-Redes antes do Penalty*, de Peter Handke, os escritores, historiadores e filósofos têm tentado reconstruir a maternidade do futuro, o que se passa no minuto antes de as coisas acontecerem, a sombra paradoxal que anuncia a chegada de algo que ainda não existe, a língua de fogo que acompanha a descida do Espírito Santo e antecipa o dom das línguas, a inquietude que sinaliza a decisão ainda não tomada. Cada um poderá com monotonia previsível fazer relatos autobiográficos dos momentos que antecipam o que ainda não existe mas que já causa dor. Relatos semelhantes são feitos industrialmente a respeito do decurso dos próprios acontecimentos, ou do dia seguinte às coisas que nos acontecem. Antes, durante e depois vão ritmando a ilusão de que há um alguém ao leme do que acontece. És tu que estás ao leme! És tu que mandas! És tu o centro do mundo! Não é possível compreender a cultura contemporânea sem a hiperinflação do sujeito. Como é fácil de ver, o aparente poder de agência do homem do leme e a força hipnótica do que acontece eclipsam as vésperas e a trama pontilhista do tempo.

As emoções que acompanham o ritmo do que nos acontece não são meramente decorativas. Utilizando a frase de Lucrecio, não podem ser uma terceira natureza porque o mundo não tem terceiras naturezas. Contudo, a sensação de véspera mostra como a metafísica da relação do indivíduo com os eventos da sua vida ultrapassa o ponto de vista da ação. Não sendo nem decorativa nem decisiva, a sensação de estar antes de alguma coisa acontecer revela uma carência muito interessante. Não há rebeldia metafísica possível. Ninguém pode saltar fora do processo. Não há suicídios autênticos no nosso mundo. Um desejo de trair a lógica férrea dos eventos terá também de surgir a certa altura à mente do traidor, como tudo o resto da sua vida. A ideia de suicídio, ou de traição, ou de qualquer outra coisa, terá de o visitar. Na alquimia mais subtil do mundo, escondida à sombra da normalidade trivial, alguém dirá “Vou matar-me” ou “Está na hora de abandonar os meus companheiros”. Foi visitado do mesmo modo tosco com que à noite é visitado por sonhos que contam isto e aquilo. A sensação de carência que caracteriza as vésperas poderá ser tão intensa quanto as dores que um amputado sente devido à falta de uma parte do corpo. Uma faculdade por realizar; um dom por efetivar; um amor não correspondido; um ideal por concretizar... O inventário das formas e dos graus da sensação de carência que atormenta os seres humanos já enche bibliotecas. Poderemos categorizar as suas manifestações de modos muito diferentes, escondendo o facto elementar de que só temos uma carência fundamental. Uma utopia política é diferente do sonho de amor dos adolescentes, tal

como isso é diferente do desejo de saúde dos que padecem em enfermarias e hospitais, que por sua vez é diferente da angústia do escritor em não conseguir colocar no papel a ideia que o persegue. Trata-se de rostos diferentes para uma carência fundamental. Tomando de empréstimo a noção aristotélica de enteléquia, essa carência poderia ser descrita como as dores de parto que acompanham a realização da forma final a que aspira cada ser. A criança ainda não atingiu a sua forma final, a que todo o seu ser aspira secretamente; o eu consciente da criança nada pode fazer para dirigir essa aspiração. A mulher que retoca o seu penteado e dá um jeito na sua maquilhagem antes de um encontro amoroso luta para que a sua beleza atinja o máximo. O violinista que sente que ainda não conseguiu o som perfeito atormenta-se com o desperdício de si mesmo perante essa possibilidade: tudo o que ensaiar até conseguir esse som de nada valerá nesse momento, tal como as páginas de esboço de um livro poderão ser deitadas fora quando ele for publicado. A carência que a véspera do minuto a seguir revela é a dobradiça da porta entre passado e futuro.

Poderíamos dar ao padrinho Isolino várias teorias sofisticadas que ele não teve tempo de aprender quando algo o levava a subir as montanhas da sua vida. Poderíamos dizer-lhe que também nós estamos à espera. E diríamos muito bem, porque, olhando para trás com esforço, toda a nossa vida parece estar à espera de um não sei quê que nos irá dar a alegria de saltar da cama mais cedo. Estamos à espera desde sempre de um objeto grande, de algo que nos justificará aos nossos próprios olhos: um dia soalheiro com alguém bonito, o reconhecimento dos outros, ou qualquer outro móvel pequenininho com que iremos mobilar a nossa vida. Corre na nossa cabeça, sem precisarmos de dizer a nós mesmos, que, com esse objeto grande, a nossa vida terá finalmente sentido. Há sempre qualquer coisa a mobilar o chão pobre do desejo que descobrimos em nós. Não somos o nosso desejo, mas confundimo-nos muitas vezes com ele. Quem é verdadeiramente, perguntamo-nos com monotonia filosófica? Sou o que deseja uma posição social, ou o louvor dos outros, ou qualquer coisa que me acontecerá a certa altura.

Não é fácil reparar que sempre estivemos à espera e que absolutamente nada depende de nós. Uma segunda coisa que poderíamos dizer ao padrinho Isolino teria de ser misericordiosa. Poderíamos, talvez, convidá-lo a reparar no lado bom do desamparo de se ter uma vida à espera. Não há, evidentemente, lado bom numa vida à espera, mas este é o tipo de sabedoria dura que não se diz a alguém de idade. Toda a sabedoria é inútil, e a dura é ainda mais inútil. Procurando um modo elegante de chegar à verdade das coisas, poderemos, talvez, anunciar a mentira de

que há um lado bom. A mentira tem justificação porque, num mundo em que os seres humanos fazem nada, eles sentem que a sua ação é decisiva. A coleção de mentiras com que nos entretemos é muito vasta; será fácil ir a esse armazém buscar mais um *bibelot* para decorar os móveis com que povoamos o tempo que nos é permitido viver. Trabalhemos, pois, uma mentira misericordiosa por respeito à idade do padrinho. Aqui vai uma. Ninguém quer continuar a ser criança quando já sente o seu organismo metamorfosear-se. Depois de se defender uma tese de doutoramento, ninguém sente necessidade de voltar a aprender a ler e a escrever como fez em criança. Deste ponto de vista, o que o padrinho Isolino estava de facto a dizer era o seu enfado por ainda não ter nascido para o minuto em que se deparará com a realidade que a palavra *m* esconde. O enfado camufla a impaciência de ter de esperar o que todas as fibras do seu organismo já dão sinal de reclamar. As vésperas da palavra *m* mais não são do que o protesto de isso ainda não ter acontecido. A conclusão parece inaceitável, mas não se vê como poderá ser evitada. É esta: as pessoas desejam morrer tal como uma criança deseja chegar à puberdade, ou um adolescente deseja que o seu amor seja correspondido. Com mentiras sofisticadas como esta, todos os padrinhos são convencidos de qualquer coisa. Temos séculos de entretenimentos mentirosos que sempre nos convencem de alguma coisa, fazendo-nos olvidar que nada na cultura humana tem dignidade intrínseca porque todos os móveis com que mobilamos as vidas humanas são emprestados por uma ordem que nunca poderemos compreender, a ordem metafísica. Os móveis são emprestados, as emoções são emprestadas, o que se compreende e o que se ignora são emprestados, as vidas também são emprestadas, as mortes são emprestadas.

Uma leitura metafísica da vida humana não poderá ser fragilizada pelos detalhes idiossincráticos de cada situação humana. Seria muito fácil dar milhões de exemplos de pessoas que parecem ter morrido na altura errada das suas vidas. O desejo que se mencionou não tem relação com esta perspetiva. Há algo no jovem que morre que se assemelha ao momento em que o escritor, depois de publicar o seu romance, deita fora as páginas de rascunhos. Qualquer idade do homem é um rascunho perante o que vem a seguir. Parece-nos subjetivamente que a forma final a que aspira cada ser o orienta retrospectivamente para a realização do que é capaz. Um jovem ainda não realizou tudo o que é capaz de realizar. Esta percepção deriva do efeito de foco de lanterna da estrutura atencional da consciência humana, que James foi um dos primeiros a cartografar. O tempo presente é iluminado como se a luz de uma lanterna incidisse sobre ele. Como olhamos para a vida debaixo desta luz focalizada, parece-nos que a forma final a

que aspira um jovem é a da idade que terá a seguir, com todas as experiências a ela associadas. Se reuníssemos todos os fotogramas da vida cinematográfica das pessoas, a pergunta que se poderia colocar em bloco é esta: todos estes fotogramas aspiram a quê? Cada um deles aspira ao seguinte, mas o último não será a chave de todos os outros? As figuras freudianas de Eros e Thánatos surgem à nossa mente. O que nos puxa para o minuto seguinte parece ser um amor que tudo conecta. O que irmana todas as vésperas de uma vida parece ser um desejo de transcendência, o que muito místicos representam como a escuta da voz do Amado. A espera dessa voz justifica a negação, a privação, o deitar a perder, o queimar os rascunhos preliminares do grande romance. Numa palavra de que o padrinho Isolino já começa a reconhecer a primeira letra: justifica a morte. A impaciência do padrinho perante aquela coisa que nunca mais vem, e ainda bem que assim é, mas que queremos estranhamente que venha o mais depressa possível porque, na sua ausência, faltar-nos-á sempre alguma coisa, pode ser interpretada como um fino, obscuro e certamente secreto desejo das restantes letras que compõem a palavra m. Desejamos tão intensamente a morte quanto o nascituro deseja nascer ou quanto o amante deseja proclamar o seu amor por alguém.

Façamos, pois, as contas deste exercício filosófico trivial e completamente inútil. O padrinho Isolino está à espera. Nós também estamos à espera. Os nossos irmãos internados em hospitais também estão à espera. A lista parece que tem tudo o que aconteceu na nossa vida. É difícil isolar uma semana, até mesmo um dia, e garantir que fomos soberanos do nosso dia. Pior ainda, crianças, jovens, adultos e velhos padecem de um enfado difícil de explicar, um tédio pela existência que não assoma à consciência senão em momentos muito raros. Estas contas acabarão com a alegria de reclamar a agência da vida de cada um. Dantes poderíamos dizer: “Desde que acordei, quem mandou na minha vida fui eu!” Porém, agora sabemos que, quando estiveste ali na esquina daquela rua sem saberes muito bem se deverias caminhar pela rua da esquerda ou da direita, estavas de facto à espera que um conteúdo decisional surgisse a vogar no rio da tua consciência. Quando isso aconteceu, rapidamente te informaste a ti próprio: “É precisamente isso o que eu quero, e é isso o que irei fazer a seguir”. Suspiraste então: “Ai! Que tonto sou eu! É claro que devo seguir pela rua da direita!” Foste visitado pela decisão como à noite tinhas sido visitado por um sonho. Tonto como reconheceste ser, apropriaste-te da decisão e do sonho, e achaste que ambos são sinal da tua forte personalidade.

Não é fácil reparar nestas coisas. Está tudo contra este olhar subtil. Mentimos na vida como indivíduos porque os véus da existência são fundamentalmente mentirosos. Seria talvez possível acabar com a mentira individual, apesar de essa ideia também ter de aparecer a certa altura; com a mentira de véus de ser sobre véus de ser, não é possível acabar. Ultrapassa o que podemos fazer. Essa lição é mais dura no momento em que reparamos que é uma mentira a ideia de que podemos fazer qualquer coisa; numa vida emprestada, em que estamos à espera de termos sede para irmos beber água, nada podemos de facto fazer. A nossa cultura pública diz-nos obsessivamente que somos alguma coisa de nobre e de precioso, algo como seres autónomos, ou crentes de uma igreja, ou membros de um corpo político, ou, até, um ser autónomo que merece ser ouvido. A totalidade do que consideramos cultura é composta de mentirinhas que se vão revezando numa dança interminável. Por vezes ouvimos que até temos direitos fundamentais, liberdades inalienáveis e garantias jurídicas. Dizemo-nos a nós próprios que somos cidadãos e agentes livres, como se a vida de cada um fosse uma empresa meritória. Por vezes, seduzidos pelo valor aparente destas mentirinhas, até tentamos propiciar aquilo que nos poderá visitar no futuro próximo. Deixámos de confiar na sorte e queremos ter oportunidades justas para o que surgir no futuro. Os que procuram trabalho tentam conseguir habilitações para boas ofertas de emprego. Os que procuram o amor treinam-se no ginásio para serem mais bem-parecidos. Os que temem um encontro futuro com uma doença, acautelam-se na dieta, e, apesar de apreciarem um whisky velho de dezoito anos, privam-se desse prazer. O caminho da negação não acontece apenas na idade do padrinho Isolino; a cada minuto a nossa vida é esculpida num mármore de possibilidades. Reclamamos o trabalho do escultor porque cada pequeno não a um copo de whisky cria a ilusão de eficácia na agência. Se somos capazes de fazer qualquer coisa, até mesmo de dizer não, então existimos como seres autónomos.

Não compreendemos que não há forma de escapar a uma vida em que estamos à espera. Qualquer pessoa – o que quer trabalho, o que procura amor, o que luta pela saúde – não tem o bilhete para a boa sorte de saltar fora, de trair, de ser infiel à ordem do mundo, de se suicidar. Pode passar uma vida a estudar e a preparar-se para ter o melhor emprego do mundo, que não será certo que ele caia aos seus braços. Quantas pessoas passam dias nos ginásios com a esperança de que um corpo mais atraente seja o passaporte para uma paixão intensa! Quantas pessoas correm pelas estradas para garantirem a saúde! De nada lhes vale, talvez, a procura esforçada pela saúde que é sempre insuficiente porque

a recusa que manifestam de um corpo pouco saudável é apenas um sinal da sua aspiração a uma forma melhor, aspiração que, em última análise, aponta para a palavra *m*, para o abandono total do corpo perfeito que se esforçam por alcançar.

Não fazer nada ou fazer alguma coisa durante a vida não é uma diferença relevante para o que está em causa. Porquê? Decidir não fazer nada é um pensamento que chega a certa altura à vida de alguém, assim como, perante um objeto bonito, alguém decide comprá-lo ou lutar por ele. O conteúdo que determina a ação é irrelevante deste ponto de vista. O que é fundamental parece ser a visitação. Cada um é visitado por uma decisão, por um pensamento, por um gosto, e rapidamente, na magia da trivialidade, diz imediatamente “Decidi isto”, “Penso naquilo” e “Gosto de aqueloutro”.

É possível ouvir estes enunciados e fingir que representam algo real, porque não reparamos que cada um deles é uma apropriação que a mente faz de algo que lhe acontece para poder agir de um determinado modo. A mente funciona como alguém que quer subir uma escada: mete o pé num degrau e eleva o seu corpo, e depois faz o mesmo nos degraus que se seguem. A mente usa também pequenos degraus para se determinar, como se fosse uma aranha a tecer a sua teia. Sem esta teia de coisas que vêm de fora ou que uma parte da mente dá às outras partes da mente não conseguiríamos fazer nada. Temos uma vida mental assim como os castores constroem barragens nos rios e as aranhas tecem teias. Muitos investigadores repararam nesta estrutura da mente humana. Richard Dawkins diria que é o nosso fenótipo alargado; Daniel Dennett diria que é a nossa mente de esboços múltiplos; até um filósofo continental como Foucault diria que esta é a razão devido à qual os seres humanos sempre utilizaram aquilo que ele denomina no pensamento antigo tardio de tecnologias do eu e do cuidado de si próprio. Escrevemos diários íntimos e apontamentos para nos compreendermos a nós próprios. Isto é muito estranho, e só se compreende quando imaginamos que somos turistas numa terra estranha; nessa terra temos de nos informar a toda a hora sobre quem somos.

Contudo, diferentemente desses investigadores que mostram a importância do longo rodeio de ir para fora para que o dentro se possa autocompreender, ao modo da fenomenologia hegeliana, é bom sublinhar a relevância do grau mínimo da estética. Temos bibliotecas e séculos de construção de rodeios e de estudos sobre os rodeios que construímos. Desde os *Poemas Homéricos*, sempre fizemos grande literatura e, não contentes com isso, fizemos logo a seguir debates filosóficos para tentar compreender o que nós próprios fizemos em literatura. Somos uns patéticos repetidores de nós próprios. Poucas vezes paramos para pensar nesta

evidência: se somos os criadores de toda a arte e de toda a literatura, o que poderá ser mais evidente para nós, o que poderá ser menos apropriado a esforçados exercícios hermenêuticos? Nunca somos suficientemente confrontados com esta evidência: como somos os construtores da História, o fruto da construção não deveria merecer um único segundo de análise. Contra esta evidência, dedicamo-nos obsessivamente a infundáveis exercícios de interpretação, exegese e hermenêutica de nós próprios e do que andamos a fazer há séculos. Mais patético e quixotesco do que isto é difícil de imaginar.

A fenomenologia do que acontece connosco ao nível da mais pequena decisão revela a dimensão mais embaraçosa da estética. A razão do embaraço do filósofo é esta. Cada ato da mente, por mais imediato e simples que seja, oculta uma apropriação. O que vem de fora rapidamente se torna o que somos. Não somos donos do que pensamos, nem do que apreciamos, nem sequer do que amamos, nem do que à noite sonhamos. Numa vida de espera, é o que nos acontece.

Há um vazio neste grau mínimo da estética. Um conto popular, recolhido por Teófilo Braga nos seus *Contos Tradicionais do Povo Português*, de 1883, captou com espírito o vazio que existe em cada momento da nossa vida. Contava-se antigamente que um frade manhoso andava de terra em terra a pedir esmola. Como ninguém lha desse, ele, cheio de fome, prometeu a quem o ouvia que comeria um caldo de pedra se o auxiliassem. Curiosos com a ideia de que o frade iria comer uma pedra, os populares dispuseram-se a auxiliá-lo. E lá conseguiu o frade convencê-los a dar-lhe uma panela com água na qual colocou uma pedra. Dominando a curiosidade dos outros, ia dizendo que, para se comer um bom caldo de pedra, seria necessário acrescentar um pouco de batata, depois um pouco de feijão, depois um pouco de chouriço, depois uma pitada de sal... A população aguardava com ansiedade pelo momento de ver o frade comer a pedra. Quando finalmente o caldo ficou pronto, o frade comeu-o saboreando cada colher, enquanto as pessoas esperavam que ele comesse também a pedra. Mas, depois de comer o caldo, guardou a pedra no bolso e foi-se embora.

A lição terrível deste conto é a de que o grau mínimo da estética possui uma pedra. O desejo que atormenta e adoça a nossa vida tem uma pedra. Até o amor que nos enleva tem uma pedra no seu âmago. Ninguém sabe por que razão deseja o que deseja e ama o que ama. Como uma ostra irritada por um grãozinho de areia, o espírito que está em nós faz uma pérola. O mundo não tem desejo, não tem amor, não tem beleza, não tem significado; mas, determinados de um modo que não compreendemos ainda, a certa altura começamos a desejar,

começamos a amar, começamos a apreciar a beleza. Os homens apreciam a beleza de uma mulher bonita, mas o mundo não tem nenhuma mulher bonita. Para se fazer um teste sobre esta evidência, teríamos que procurar as fêmeas de outras espécies animais, e tentar compreender por que razão os respetivos machos as procuram. A beleza que eles veem nelas escapa-nos por completo. Mas, como ostras à espera da pedrinha que as irá determinar, o espírito (à falta de melhor rótulo) faz a beleza da mulher e do homem, como faz tudo o resto. Não temos mão sobre isto; tudo nos acontece.

Sócrates incomodava os Atenenses com perguntas incisivas com a forma “O que é isto? O que é a amizade, o que é a coragem, o que é qualquer coisa?” Nunca conseguia obter uma resposta que aguentasse todas as objeções; e ele próprio não dava nenhuma, levantando-se muitas vezes para se ir embora. Sócrates, que não escreveu uma linha que tenha chegado a nós, foi um dos primeiros intelectuais europeus a descobrir a pedra de tudo. Sabemos procurar situações justas e censurar a injustiça, mas nunca saberemos o que é a justiça; apreciamos a beleza do mundo e fazemos diligências infundáveis para aumentar o nosso contacto com as coisas belas, mas não temos nenhuma ideia do que seja a beleza em si mesma. Se multiplicarmos estes exemplos por milhões, teremos uma ideia pálida do drama onírico da vida. Há uma pedra em tudo, e, evidentemente, há um frade manhoso a manipular-nos a toda a hora. Nada podemos fazer contra isso, porque, se fizermos algo, a vontade, a oportunidade, a ideia de fazermos também tem de nos acontecer, e depois nós faremos o resto, nós faremos a pérola, nós faremos a beleza da mulher, nós faremos o poder do mundo. Colocamos a nossa marca autoral num processo que não precisa dela. Não fazemos nada, mas parece-nos que fazemos tudo: compras, vendas, contratos, divórcios, declarações, alegrias, méritos e deméritos. Todos os verbos que conjugamos na vida são apropriações indevidas de um acontecer impessoal. Mais, Sócrates dá um exemplo embaraçoso para a nossa autoestima: ele não fez nada de grande, porque o que parece grandioso na sua ação veio de fora, veio da voz que ouvia, veio, como Platão descreve muito bem, do seu *daimon*. Toda a grande cultura é assim. Só nos falta reparar que nos intervalos da grande cultura também é assim.

Não temos proteção possível contra a manipulação. Num mundo em que vivemos à espera e em que tudo o que amamos é feito de nada, podemos com ampla liberdade influenciar-nos uns aos outros, imitar-nos uns aos outros, sem nunca acordarmos do pesadelo. Desde os Gregos que somos os felizes destinatários das mentiras da estética. O *Banquete* e o *Fedro* de Platão falam de um poder libertador da beleza que nos acordaria de um sono

profundo e nos faria lembrar uma verdadeira natureza de que estaríamos esquecidos. Na alegoria da caverna, o mundo das sombras é menos bonito do que o mundo de fora da caverna, que, por sua vez, é apenas uma promessa de um mundo ainda mais bonito. Esta é uma mentira infinita que nos tem entretido durante muito tempo. A beleza teria uma alegada capacidade não apenas metafísica mas até mesmo soteriológica. Ela seria aquilo que acorda para a verdadeira natureza. Esta mentira foi glosada milhares de vezes, e toda a gente morreu a seguir. A beleza não salva; a beleza não acorda ninguém; a beleza não é caminho para nenhuma verdadeira natureza. Entretemo-nos, passamos um bom tempo, e depois tudo acaba. Vivemos num mundo em que a beleza é inútil. Nunca salvou. Nunca salvará. Podemos substituir beleza por qualquer outro grande móvel de que aparentemente temos necessidade para a vida ter sentido: o amor é inútil, a cultura é inútil, a filosofia é inútil, a sabedoria é inútil.

Estas intuições sobre uma vida em espera permanente são mais velhas do que parecem. Os aedos gregos Haliterses e Teoclímeno, dos *Poemas Homéricos*, pareciam procurar um canto belo junto das Musas. Estes dependentes dos favores de outros poderes do mundo sempre estiveram acompanhados: temos os xamãs de todas as sociedades nativas, os profetas do antigo Israel, as infundáveis teorias da inspiração poética, e muitos mais móveis sofisticados com que procuramos dar sentido ao nada que somos. É muito longa a história da suspeita de que nada do que acontece na nossa vida é de facto nosso. Seria ocioso encher muitas páginas com testemunhos desta suspeita.

Neste momento é importante compreender que parte do processo de apropriação do conteúdo que visita a consciência deriva dos processos culturais de interpretação. É talvez a parte menor. O papel da cultura na apropriação da autoria da ação humana poderá ser ilustrado com uma passagem de um manuscrito setecentista, mais precisamente de 1745. O autor da *Arte de Conhecer e Confessar Feiticeiras* foi o Padre Domingos Barroso Pereira, de quem nada se sabe, a não ser que teria vivido na zona de Évora no século XVIII. As bruxas e feiticeiras da Europa antiga sentiam que eram visitadas por poderes sobrenaturais que as levavam em voo noturno a sítios em que a ordem social era completamente invertida. O Padre Domingos descreve toda a vida humana como uma visita desses poderes. As pessoas estavam entregues à sua vida até que foram visitadas pelo Tentador. Reparemos no que diz sobre a passagem da infância à puberdade, quando os seres humanos começam a ter interesse no sexo oposto: “começa o comum inimigo a facilitar desonestidades e a induzir a torpezas; e o modo com que o faz tanto aos homens como às mulheres naqueles primeiros anos de sua meninice é

aparecendo aos rapazes em figura de meninas da sua mesma idade pouco mais ou menos, vizinhas, conhecidas, ou parentas, com quem a familiaridade faz mais livre a desenvoltura; e aparecendo às meninas em figura de rapazes de sua mesma idade pouco mais ou menos, parentes, vizinhos, ou conhecidos” (II.II.42).²

Hoje diríamos que ter sonhos eróticos aos doze anos ou treze é normal e faz parte do desenvolvimento das pessoas. O velho Padre Domingos não concordaria com esta atribuição causal, e diria certamente que esses sonhos não são parte da natureza humana mas visitas do Tentador Maligno. Todo o seu longo manuscrito de trezentos fólhos está cheio de recomendações para identificar os sinais da tentação que *vêm de fora*. O seu manual para confessores tem muitos conselhos para aprender a “tirar do sentido as mulheres” (II.II.43); a apagar as “chamas do libidinoso apetite” (II.II.44); e a denunciar que “o apetite carnal é o escopo em que se sustenta a fábrica da feitiçaria” (*ibid.*). Toda a beleza do mundo lhe parece um engano deliberado.

Onde está o apetite carnal ou libidinoso poderíamos colocar qualquer outra coisa. Por que não emprego, saúde, ideias para escritores, a experiência de conhecer pessoas interessantes, decisões tontas e sábias? O velho padrinho Isolino há muitos anos atrás, na sua juventude, pediu amor e esteve à espera do amor; não lhe chamou certamente apetite libidinoso, mas era isso mesmo. Também esteve à espera de conhecer pessoas para negócios e contratos; não lhe chamou ganância por dinheiro, mas era isso mesmo. Também esteve à espera que alguma doença passasse; não lhe chamou desejo de saúde, mas era isso mesmo. Se o Padre Domingos tiver razão no seu distante século XVIII, o padrinho Isolino viveu uma longa vida à espera de sinais que indicassem o que fazer a seguir. Uns colocam esses sinais na coleção da normalidade; outros na coleção das tentações malignas. Divertimo-nos muito há séculos a tentar compreender o que nos acontece, não suspeitando sequer que não há modo de isso acontecer.

A cultura europeia nunca se entendeu a este respeito. No centro deste pequeno furacão – o furacão que acontece no grau zero da estética, e que passa invisível ao escrutínio da racionalidade – está o que nos faz agir e decidir. Os filósofos gostam de usar palavras pomposas, e dizem que se trata do problema da determinação do comportamento e da autodeterminação pessoal. Um contemporâneo do Padre Domingos, o brasileiro Matias Aires, nascido em São Paulo, foi autor de dois dos livros mais sábios que alguma vez se escreveram em língua portuguesa, as *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, e a *Carta sobre a Fortuna*. Sem atribuir ao Tentador o

que vem de fora e nos determina, Matias Aires diz, contudo, algo muito semelhante. Pergunta-se ele, “Que são os homens mais do que aparências de teatro? Tudo neles é representação, que a vaidade guia. ... Neste abismo, donde tudo entra e nada sai, se vão precipitar todos os sucessos” (par. 27).

Conhecemos já estas ideias: cada um é o padrinho Isolino à espera; o que nos determina é o que vem de fora numa viagem de que nunca poderemos ser senhores. O Padre Domingos chama-lhe tentação; Matias Aires chama-lhe abismo em que tudo entra e nada sai; o padrinho Isolino chama-lhe estar à espera. Nós chamamos-lhe vida normal. No contexto de uma reflexão sobre estética, poderíamos denominá-lo o ponto em que o mundo nos toca e nos manipula, a pedra que se torna o caldo que nos mata a fome.

II

Há uma segunda razão que mostra que não há forma de sair de uma vida de espera. Os processos de interpretação enviesados e enriquecidos pela cultura têm, como se vê, um papel determinante. Contudo, há outra evidência que merece ser denunciada. Mencionou-se atrás o longo rodeio que é a cultura. Uma questão obrigatória é a identificação do assunto de que estamos a falar. De que se ocupa o assunto rotulado de “cultura”? Se esse assunto fosse um contentor conceptual, quais seriam os seus conteúdos? Estas perguntas têm um escopo demasiado vasto para serem levadas a sério pela ciência. É o tipo de questões que deram fama, boa e má, à filosofia: vastas, imprecisas e sedutoras. O exercício poderá ser realizado de modo razoável em partes pequenas do grande assunto. Eis um exemplo: podemos ter debates intermináveis sobre o modo de definição de cultura, mas ninguém razoável poderá negar que o ensino superior é um caso que faz parte de uma categoria mais vasta de assuntos culturais. A pergunta impõe-se, por conseguinte: o que está nesse assunto mais pequeno, isto é, por ensino superior e por cultura universitária queremos indicar precisamente que tipo de conteúdos? Para evitar debates conceptuais infundáveis, talvez seja recomendável contar apenas os casos concretos. Por exemplo, não se conhecem universidades com um milhão de cursos superiores, tal como não se conhecem dicionários com mil

²Biblioteca Pública de Évora, Ms. Cod. CXXIII/2-8. Está em curso a nossa primeira edição deste manuscrito, col. Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa (Lisboa, Círculo de Leitores, 2016-7).

milhões de entradas. Trabalhar com números talvez seja um modo de nos aproximarmos de uma verdade que sempre nos escapa. Contemos, pois, os cursos universitários. A tarefa é manifestamente difícil, dada a dificuldade em categorizar as áreas científicas e a diversidade regional do ensino superior. Contudo, a referência pode ser um critério intuitivo que permita a categorização dos cursos universitários. Cada um dos cursos refere-se a quê? Ou, variando ligeiramente o âmbito da questão, um curso universitário ocupa-se maioritariamente de quê? A medicina está claramente diferenciada da astrofísica deste ponto de vista: uma ocupa-se da saúde dos seres humanos; a outra ocupa-se da física de objetos astronómicos. Sabemos que muitos traços irmanam estas ciências. Seria trabalho de casa de primeiro-anista de um curso de filosofia inventariar esses traços: sujeito epistemológico, método científico, tradições académicas, etc. A intuição que aqui se procura estruturar ocupa-se de um ângulo mais pequeno. As ciências dedicam-se mais aos seres humanos ou ao mundo não humano? Três categorias poderiam auxiliar esta tarefa: nós mesmos (obra humana), o que está lá fora à espera de ser estudado (obra de Deus), ou alguma situação híbrida. Deste ponto de vista, o direito estuda a mesma coisa que a medicina e que a história. E o que é que estuda? Estuda-nos a nós mesmos. A engenharia também é uma forma de melhorar a vida humana; deste ponto de vista, faria parte da categoria obra humana. Parece que há objetos de estudo que obedecem a lógicas diferentes, como a matemática. Desde os Gregos que existe um debate interminável sobre o estatuto dos entes matemáticos. Este debate é marginal à intuição que aqui se procura precisar. Existam os entes matemáticos como convenção humana, como estrutura da racionalidade humana, como matriz do universo, no segundo intelecto de Deus, como queriam platónicos tardios como Fílon de Alexandria, Albino e Plotino, ou de alguma outra forma, parece indubitável que só se pode trabalhar essa ciência através da exploração das capacidades da razão humana; não parece ser um assunto que seja passível de exploração através de concursos de culinária ou de provas atléticas. Este tipo de questões fragiliza certamente a linha de inquérito que aqui se persegue, mas é evidente que o ponto de vista filosófico fragiliza qualquer coisa em que se possa pensar. A distinção que acima

se estabeleceu entre medicina e astrofísica ficaria igualmente fragilizada. Do ponto de vista dos muitos séculos de idealismo filosófico, a astrofísica é um ramo da psicologia porque, obviamente, do ponto de vista desta escola filosófica, não existe qualquer possibilidade de se conhecer algo fora da consciência humana. Seria cansativo e inútil continuar com estas objeções de manual.

O importante é verificar que mais de dois terços dos catálogos de cursos das universidades se ocupam de nós mesmos. Como estava muito cético a respeito destes valores, pedi a vários doutorandos meus que eles próprios tomassem o famoso *ranking* de Xangai das universidades, que tem as quinhentas universidades mais cotadas no mundo, e contassem os cursos que, dos seus pontos de vista, se poderiam integrar numa das três categorias acima mencionadas.³ Trabalhando independentemente com os catálogos públicos dos cursos das 500 universidades, não se conhecendo mutuamente e não trocando impressões entre si, ficaram todos muito abalados quando repararam, no fim do exercício, que as universidades não estudam predominantemente o que está lá fora à espera de ser estudado; as universidades estudam esmagadoramente as nossas próprias pessoas. Não temos outro amor intelectual. Só nos amamos a nós próprios. As universidades deveriam supostamente estudar o universo, a totalidade das coisas, o ser de Parménides, a obra de Deus. Tomando como ilustração modesta de um assunto demasiado vasto o catálogo dos cursos universitários do *ranking* de Xangai, é possível provar que o ideal contemporâneo de universidade está baseado num equívoco fundamental. Vendemos a ilusão de que temos interesse por qualquer coisa fora de nós, quando, de facto, só nos interessamos por nós mesmos. O rodeio da cultura faz parte do que nos acontece, do que nos visita, do que parece agência humana, quando, pelo contrário, é visitação.

Seria interessante complementar esta investigação com explorações sobre as instituições que se aproximavam das universidades ocidentais noutras civilizações do passado, e que, não sendo universidades, eram formas análogas de aceder a conhecimentos de acesso reservado.

Selecionando alguns exemplos aleatórios das categorizações realizadas pelos três investigadores, é possível ver o seguinte:

³Agradeço aos investigadores de doutoramento Idalina Correia (IC), Paulo Alexandre e Castro (PAC), e Steven Gouveia (SG) o auxílio nesta investigação exploratória.

1. Investigador IC

Posição no Ranking de Xangai 2015	Categoria I - Obra de Deus	Categoria II - Obra de Humana	Categoria III - Casos Híbridos
3) Instituto de Tecnologia de Massachusetts	11,24%	85,39%	3,37%
4) Universidade da Califórnia (Berkeley)	13,94%	84,62%	1,44%
22) Universidade de Michigan-Ann Arbor	9,98%	87,20%	2,82%
23) Colégio Imperial de Londres	18,84%	67,47%	13,70%
36) Universidade Pierre & Marie Curie	30,60%	66,42%	2,99%
46) Universidade de Heidelberg	7,53%	91,78%	0,68%

2. Investigador PAC

Posição no Ranking de Xangai 2015	Categoria I - Obra de Deus	Categoria II - Obra de Humana	Categoria III - Casos Híbridos
3) Instituto de Tecnologia de Massachusetts	12,60%	77,10%	10,30%
4) Universidade da Califórnia (Berkeley)	8,80%	88,10%	3,10%
22) Universidade de Michigan-Ann Arbor	4,70%	92,40%	2,90%
23) Colégio Imperial de Londres	2,10%	96,50%	1,40%
36) Universidade Pierre & Marie Curie	12,50%	85,00%	2,50%
46) Universidade de Heidelberg	5,90%	91,20%	2,90%

3. Investigador SG

Posição no Ranking de Xangai 2015	Categoria I - Obra de Deus	Categoria II - Obra de Humana	Categoria III - Casos Híbridos
3) Instituto de Tecnologia de Massachusetts	23,90%	73,90%	2,20%
4) Universidade da Califórnia (Berkeley)	20,30%	77,20%	2,50%
22) Universidade de Michigan-Ann Arbor	28,30%	70,20%	1,50%
23) Colégio Imperial de Londres	30,20%	67,30%	2,50%
36) Universidade Pierre & Marie Curie	39,90%	47,90%	12,20%
46) Universidade de Heidelberg	25,90%	70,40%	3,70%

Os valores numéricos diferem certamente entre os investigadores. É interessante verificar, contudo, que há um padrão claro nestes exercícios rápidos de categorização. Todos os investigadores consideraram que a Categoria 2 - Obra Humana tem mais cursos do que qualquer outra; que a Categoria 1 - Obra de Deus ocupa a segunda posição a grande distância da primeira; e que a Categoria 3 - Casos Híbridos é sistematicamente

minoritária. Este padrão acontece em todas as restantes universidades do *ranking*. Não é desprovido de significado que haja acordo sistemático dos três investigadores; trabalhando cada um com 1500 casos, esse acordo manifestou-se pois 4500 vezes. Seria interessante analisar os resultados do mesmo exercício feito com pessoas indiferenciadas.

Este exercício pode ser feito com qualquer outro catálogo de cursos superiores. Tome-se, por exemplo, o que a Universidade de Brasília tem a oferecer aos seus formandos e ao mundo. Nos seus quatro *campi* de Ceilândia, de Gama, de Planaltina e do Plano Piloto, a UnB tem 69 cursos presenciais de graduação e 87 cursos de pós-graduação. Estudando os cursos de graduação da UnB, é possível categorizar do seguinte modo: dos 69 cursos, 59 dedicam-se a nós mesmos; 10 parecem dedicar-se ao que está lá fora à espera de ser estudado; existem casos duvidosos no que concerne à geografia, que na UnB faz parte do grupo das ciências humanas e sociais, à farmácia (Ceilândia) e às ciências farmacêuticas (Plano Piloto). Mesmo com estas três situações híbridas, a UnB dedica um pouco mais de 85,5% da sua energia a estudar quem está a estudar. Se fizermos as contas aos 87 cursos de pós-graduação, 64 deles dedicam-se a nós mesmos, e 23 ao que está lá fora à espera de ser estudado. É possível afirmar que 73,5% das pós-graduações da UnB se dedicam a nós mesmos. Se se juntar graduação e pós-graduação, é possível concluir que 78,8% de toda a atividade desta universidade se dedica aos seres humanos. Mais de dois terços dela têm um destinatário: o nosso próprio umbigo. Estes números são avaliações por baixo porque presumem que o conhecimento do que está lá fora à espera de ser estudado se limita a si mesmo, e que não será utilizado mais tarde ou mais cedo em tecnologias aplicadas à vida humana. Se considerássemos este ponto de vista complementar, os números seriam ainda mais assertivos. É importante ver que os números da UnB não são dissonantes com os das outras universidades do mundo. As universidades de todo o mundo dedicam a quase totalidade do seu esforço a estudarem os seres humanos. Brasília não é a este respeito diferente do MIT ou de Heidelberg.

Contar as coisas que há no mundo pode ser filosoficamente muito interessante. Desde Pitágoras que os filósofos e os matemáticos são irmãos gémeos no mesmo amor pela compreensão do mundo. Contar contribui para nos explicarmos a nós próprios e para apoucar a subjetividade deste tipo de exercícios. Muitos outros poderiam ser realizados. Apenas mais algumas ilustrações. Um grupo feminista americano que apareceu em Nova Iorque por volta de 1985, as Guerrilla Girls, que se apresentavam como a *Conscience of the Art World*, lembrou-se de contar as pinturas de nus que estão no Met, o Metropolitan Museum of Art de Nova Iorque. Descobriram que menos de 5% dos artistas que lá estão expostos são mulheres, mas que 85% das pinturas de nus que lá estão representam mulheres nuas. Isto também diz muito sobre o que nos interessa, e é o tipo de inquérito estético que poderá ser feito em qualquer parte do mundo. Primeiro momento: basta começar a contar; segundo

momento: é necessário procurar o significado desta organização das coisas. Não está em causa o ativismo que movia o grupo Guerrilla Girls, preocupado com a pergunta “Será que as mulheres têm de ficar nuas para estarem no Museu Metropolitano?” Para além da questão da desproporção entre a representação do feminino e do masculino, poderíamos agarrar na sugestão das Guerrilla Girls e começar a contar os motivos humanos das pinturas, os motivos naturais e os de classificação difícil, como os abstratos. Num museu de arte moderna e num museu de música talvez fosse difícil ver bem o que está em causa. Mas, se fosse o Louvre, ou o Prado, ou o Hermitage? O que diriam estes grandes museus generalistas sobre o que nos interessa realmente e quase exclusivamente?

Por vezes lançam-se ao ar os números do que custa a investigação fundamental em grandes laboratórios como o Large Hadron Collider, na Suíça. Tenta-se passar a mensagem de que a espécie humana está coletivamente devotada ao estudo do que está lá fora à espera de ser estudado. Não se está a fazer bem as contas. Afinal, se se calcular os recursos que as universidades afetam ao estudo dos seres humanos, rapidamente se comprovaria que é residual o dinheiro para os grandes projetos de conhecimento da natureza. Não há razão para surpresas a este respeito. Só teríamos que perguntar se alguma coisa na nossa vida é dissonante com a verdade escondida dos catálogos de cursos das universidades de todo o mundo. Os exercícios sobre a arte que mencionei há pouco dão-nos algumas possibilidades interessantes. Mas o que dizer da vida quotidiana das pessoas? O que é que está a passar na televisão? Estamos nós. Ligamo-nos à internet, e o que é que lá encontramos? Encontramo-nos a nós mesmos. Corremos, já desesperados, a uma boa biblioteca, e o que é que lá está? Está o nosso pensamento. Nem a história da filosofia é exceção a este panorama. Este assunto é um pesadelo sem fim. Alegadamente, deveria dar-nos a verdade sobre o mundo; só fala, infelizmente, de si própria, isto é, de nós. De facto, não tem qualquer utilidade nem valor. Faz parte de uma vida de espelho, em que nos deleitamos a saborear as coisas aparentemente incríveis que somos capazes de pensar. Esta vida de espelho é o que somos. Mais: é o que *exclusivamente* somos. Reparemos no amor, que é cantado pela esmagadora maioria das letras de canções. A quem é que nós amamos? A resposta é esta: só nos amamos uns aos outros. Como é possível que os seres humanos só amem outros seres humanos? Não há casamentos entre homens e galinhas, ou entre mulheres e automóveis. Os seres humanos só se interessam uns pelos outros. Este é o tamanho do nosso pesadelo. Toda a gente elogia o amor, mas, quando se olha para esta dimensão da vida humana no contexto

mais vasto de uma reflexão sobre a atuação humana, não é possível deixar de considerar o simpático assunto como uma escravatura insuportável. O que é que acontece quando nos apaixonamos? Juntamo-nos a um ser igual a nós. É como se desejássemos secretamente abraçar-nos a nós próprios. Ninguém pode sentir o que outra pessoa está a sentir; cada pessoa apenas sente as suas próprias sensações. Não há amor entre duas pessoas; só há duas práticas onanistas. Quando tivermos uma tecnologia para fazer clones, é muito provável que nos apaixonemos pelos nossos clones. Não há ninguém tão bom para amarmos quanto a nós próprios. O amor é um horror simpático, um pesadelo agradável, um caldo de pedra em que ainda não aprendemos a identificar a pedra.

Temos uma vida de Espera e de Espelho, e ainda não descobrimos como acabar com uma e partir o outro. Vivemos numa mónada leibniziana sem portas nem janelas para nada mais. Não podemos apelar à religião nem à mística, porque, quando se estudam os panteões das diversas religiões, só encontramos os seres humanos. Gostamos tanto de nós próprios que nos colocamos no céu. Boa parte dos panteões das religiões mundiais é composta por figuras humanas. Só para dar um exemplo trivial: até os monoteísmos colocaram a figura humana no céu. O monoteísmo cristão, por exemplo, tem Pai, tem Filho, tem Espírito Santo, e, como se não bastasse, no século XIX e no século XX, com a definição dos dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção de Nossa Senhora, também passou a ter Maria, uma figura feminina. Como temos famílias, colocámos no céu uma Sagrada Família. Muitos historiadores das religiões têm reparado no nível assombroso de detalhe desta projeção de nós próprios no céu. Os seres humanos adoram os deuses; isto ainda aceitamos facilmente, mas a surpresa vem dos muitos panteões em que os próprios deuses fazem libações e outros atos de sacrifício a outros deuses.⁴ Por que razão os deuses que adoramos adoram por sua vez ainda outros deuses? A razão parece evidente: porque não existem de todo quaisquer deuses, mas cada um de nós está refém de um frade manhoso que nos coloca no céu de tal modo que acabamos por nos adorarmos a nós mesmos ou a uma versão amplificadas de nós mesmos. Não é pois questão de paganismo. No monoteísmo cristão, Cristo também ora muitas vezes ao Pai. Martin Schongauer, o pintor alemão do século XV, representa na sua gravura *As Tentações de Santo António* os demónios que tentam o Santo. Esses demónios dão-nos a esperança de, de algum modo, podermos encontrar entidades que não são variações do nosso rosto. Esperança sem fundamento, porque rapidamente se vê que os demónios têm rostos com linhas de simetria, têm olhos, narizes e bocas, e se

divertem muito a atormentar o Santo, como nós nos divertimos a atormentarmo-nos uns aos outros. Eles são nós. Vivemos numa redoma em que passa um filme sobre nós mesmos, o único assunto que realmente nos interessa. Vivemos lá a vida toda, à espera.

III

O que diremos, pois, ao padrinho Isolino, para enganar o silêncio que nos embaraça? Não se compreende uma vida à espera sem a esperança. O problema é o de que não há razões de esperança. Temos uma história rica das promessas da esperança. É muito provável que essa história continue. Infelizmente, a esperança é inútil. Não podemos confiar nas ciências para nos tirar da redoma. Não podemos também confiar na filosofia para nos tirar da redoma. A arte amplifica o que somos, mas não temos indícios de que possa quebrar o espelho e acabar com a espera. Entretanto-mos magnificamente, e nada mais. Já lancei a minha suspeita a respeito da religião: também me parece que não se pode confiar nela. Como é óbvio, também não podemos confiar no direito para nos esclarecer sobre o grau mínimo da estética. Certamente, da política é que não há nem nunca houve algo a esperar, apesar da esperança aristotélica da união do bem individual com o bem da cidade. O que fica, pois? Num contexto filosófico, esperamos alguma coisa de séculos de pensamento filosófico. Séculos de reflexão sofisticada fizeram com que passássemos um bom tempo, entretivemo-nos com as nossas capacidades de abstração, e depois tudo acabou. A filosofia é um dos maiores enganar da história da humanidade. No museu da esperança aparecem por vezes *bibelots* com grande valor, como o pensamento desassombrado dos filósofos, como a ideia de sabedoria do rei Salomão, como os gestos bondosos, ou o comportamento de sacrifício próprio, a gentileza do Bom Samaritano e o cuidado de Madre Teresa, ou ainda a fantasia de que os deuses gostam das mulheres bonitas e têm filhos delas, ou ainda a ideia deliciosa de que o próprio Criador se tornou um de nós. Os rodeios da cultura são imaginativos, e parece certo que o museu da esperança terá mais alas e mais objetos curiosos. Não é fácil cortar a direito a ilusão simpática da esperança. No tempo de

⁴Ver, a este respeito, Kimberley Christine Patton, *Religion of the Gods: Ritual, Paradox, and Reflexivity* (New York, Oxford University Press, 2009)

estoicos como Zenão de Cítio, Séneca ou Marco Aurélio, percebia-se que a esperança, a misericórdia, a compaixão e a piedade são defeitos de caráter, e não virtudes. Hoje, já muito longe da visão clara desses mestres do passado, valorizamos a volta barroca do rodeio da esperança. É possível aproveitar o lado bom do desespero, e é o que nos afadigamos a fazer, mobilando a esperança com objetos que a reforçam. Podemos reparar, por exemplo, que a faculdade humana mais importante não é a razão, nem a percepção, nem a linguagem, nem a emoção, nem a sexualidade da alma nutritiva do *De anima* de Aristóteles. A exploração do grau zero da estética permite a pequena alegria neoplatônica de nos vermos mergulhados num oceano de imagens a que acedemos através da imaginação, a nossa faculdade mais decisiva e menos apreciada, a mão do frade manhoso que molda os rodeios de cultura, as sabedorias e as esperanças. Os intelectuais apreciam muito este tipo de coisas, para o tempo não ser toldado por silêncios embaraçosos. É o lado bom do desespero. Divertem-se muito com subtilezas e com brinquedos conceptuais, publicando muitos livros, e depois naufragam, e são esquecidos.

Só falta um pequeno detalhe, para concluir. O que dizer então ao padrinho Isolino? Como dizer-lhe que não há forma de sair de um mundo de Espera e de Espelho? Se ele já reparou que está à espera do que irá dar cabo dele, não quer mais objetos decorativos do museu da esperança de alguém. Já não vale a pena. Ele está na véspera do dia em que irá compreender que não há forma de sair. Tal como nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, José António. *Limites da Consciência: O Meio-Segundo de Atraso e a Ilusão de Liberdade*. Porto: Fronteira do Caos, 2013.
- CURADO, Manuel. *As Viriadas do Doutor Samuda. Edição Crítica da Epopeia Setecentista Inédita dos Médicos Isaac Samuda e Jacob de Castro Sarmiento*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- _____. "O Futuro de Deus", in *Porquê Deus Se Temos a Ciência?* Porto: Fronteira do Caos, 2009, pp. 83-170.
- _____. *Luz Misteriosa: A Consciência no Mundo Físico*. Famalicão: Quasi, 2007.

